

# 12<sup>o</sup> interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero

## QUEM DERA SER UM PEIXE: UM MOVIMENTO DE ARTE E POLÍTICA UMA ANÁLISE DA INTERVENÇÃO URBANA #OCUPEACQUARIO

Bruna Luyza Forte Lima Oliveira<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem por objetivo compreender como o Quem Dera Ser um Peixe — coletivo cearense formado em 2012 no contexto de luta contra a construção do Acquario Ceará e que colocou em debate múltiplas questões relacionadas ao empreendimento do Governo do Estado — valeu-se de intervenções estéticas na Praia de Iracema para comunicar suas pautas à sociedade e reivindicar o direito à cidade dos habitantes da comunidade centenária Poço da Draga. Para tanto, analisaremos a virada cultural #OcupeAcquario, realizada em 2013 em Fortaleza/CE. Os métodos de pesquisa utilizados para tal abordagem foram a cartografia e a revisão bibliográfica.

**Palavras-chave:** Poço da Draga; Acquario Ceará; Quem Dera Ser um Peixe; intervenção; arte e política.

### 1. Poço da Draga x Acquario Ceará: cartografia de uma cidade em disputa

Fortaleza, capital do estado do Ceará, é a quinta cidade mais desigual do mundo. Divulgado em 2013, o dado é do relatório *State of the World Cities*, publicado pela agência da Organização das Nações Unidas (ONU) para assentamentos humanos.<sup>2</sup> Basta observar os contrastes de infraestrutura, renda e população dos diferentes bairros para compreender essa cidade dividida: segundo os indicadores do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

---

<sup>1</sup> Mestrando (a) no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (PPGCom/UFC). E-mail: [brunaluyza.ufc@gmail.com](mailto:brunaluyza.ufc@gmail.com)

<sup>2</sup> O relatório *State of the World Cities* é publicado a cada dois anos pela *United Nations Human Settlements Programme*. Disponível (em Inglês) em: <https://sustainabledevelopment.un.org/content/documents/745habitat.pdf>. Acesso em: 07 jul 2016.

(IBGE)<sup>3</sup>, seis dos dez bairros com menor renda média por habitante estão localizados na Regional VI, enquanto nove dos dez bairros mais ricos ficam no entorno da Regional II. Nesse cenário discrepante, tão somente 7% dos moradores detêm 26% da renda total da capital.

O tradicional bairro Praia de Iracema é uma das privilegiadas regiões da Secretaria Executiva Regional II. De lugar boêmio frequentado por artistas e intelectuais a local abandonado e visto como “perigoso”, a Praia de Iracema constantemente atraiu a atenção do poder público e, em 2008, o Governo do Estado anunciou cerca de 20 reformas em equipamentos da área localizada na zona nobre da cidade, entre eles o Estoril, o Largo do Mincharia, o Jardim Japonês, o calçadão da orla e os espigões das avenidas Rui Barbosa e João Cordeiro. Nesse dito pacote de “requalificação”, o anúncio da construção de uma megaobra surpreendeu a população de Fortaleza: o Acquario Ceará.

Projeto da Secretaria de Turismo do Governo do Estado (Setur), o Acquario Ceará deve ser o maior oceanário da América Latina e o quarto maior do mundo em litros d’água, de acordo com o EIA/RIMA<sup>4</sup> do empreendimento. A obra está sendo construída no terreno onde ficava o antigo Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS), na Rua dos Tabajaras, nº 11. Ainda conforme o documento emitido pela Superintendência Estadual do Meio Ambiente (Semace), o equipamento vai ocupar uma área de 21.500m<sup>2</sup> e custar cerca de R\$250 milhões. O valor, no entanto, está defasado: além da demora na conclusão da obra, cuja inauguração estava datada para a Copa do Mundo 2014, o relatório não previa custos adicionais. Segundo o Tribunal de Contas do Estado (TCE), atualmente o orçamento do oceanário é superior a R\$280 milhões.

No lado esquerdo da Rua dos Tabajaras em relação ao norte geográfico, a apenas alguns metros do terreno destinado à construção do Acquario Ceará, a comunidade centenária Poço da Draga resiste ao descaso governamental e à forte especulação imobiliária na região.

---

<sup>3</sup> Censo Demográfico 2010 do IBGE. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 07 jul 2016.

<sup>4</sup> O EIA (Estudo de Impacto Ambiental) é a pesquisa relacionada à coleta de material, análise e bibliografia, assim como estudo das consequências ambientais envolvidas na construção de uma obra. O objetivo do EIA é analisar os impactos causados pelos equipamentos averiguados, propondo condições adequadas para construção dessas obras. Já o RIMA (Relatório de Impacto Ambiental) é o relatório conclusivo desses estudos. O órgão público licenciador deve analisar o RIMA observando atentamente as implicações da construção dos aparelhos investigados. O EIA/RIMA do Acquario Ceará está disponível em: <<http://www.semace.ce.gov.br/wp-content/uploads/2011/11/FORTALEZA-AQUARIO.pdf>>. Acesso em 07 jul 2016.

Também conhecido como Baixo Pau, o Poço da Draga está situado ao norte pela Rua dos Tabajaras; ao sul pela Rua Gerson Gradwol; a oeste pela Rua Guilherme Blum e a leste pelo prédio da empresa desativada CIDAO (RODRIGUES, 2013). Como uma ruga no meio da paisagem do tradicional bairro Praia de Iracema, o Poço está incrustado — e invisibilizado — entre equipamentos culturais e comércios luxuosos: o Centro Cultural Dragão do Mar, a Caixa Cultural de Fortaleza, a Indústria Naval do Ceará (INACE), um galpão onde funcionou a antiga boate Alfândega e que sediou a Casa Cor 2011, um restaurante, uma concessionária, a Ponte Metálica e o futuro Acquario Ceará.

Segundo informações disponibilizadas no EIA/RIMA do Acquario, o Poço possuía 1.071 habitantes em 263 imóveis em 2011. Em 2013, no início da gestão do prefeito Roberto Cláudio (PDT), a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Habitacional de Fortaleza (Habitafor) lançou o Projeto do Trabalho Técnico Social Poço da Draga, o qual contabilizou 1.032 moradores. No entanto, os habitantes estimam que a região abriga, atualmente, cerca de 1.200 moradores distribuídos em 340 casas<sup>5</sup>. Área suscetível de recuperação urbanística e regularização fundiária, a comunidade foi incluída no Plano Diretor de Fortaleza de 2009 como Zona Especial de Interesse Social (ZEIS) do tipo 1<sup>6</sup>, mas até hoje não foi regularizada e o risco de remoção permanece. Apesar de localizada na zona com maior índice de infraestrutura da cidade e dos seus 110 anos de existência, os investimentos públicos pouco chegam ao Poço da Draga e, lá, o esgoto ainda corre a céu aberto.

Filha do mar, a comunidade Poço da Draga comemora seu aniversário na mesma data da inauguração da Ponte Metálica<sup>7</sup>. Apesar da marginalização social e do descaso do poder público, os moradores da Draga buscam preservar a memória e a história da região, reafirmando sua permanência na Praia de Iracema e lutando por melhores condições de moradia. Afirma Feitosa que:

---

<sup>5</sup> Informação apresentada pelo Movimento Pró-Poço em 28 de julho de 2016 no Pavilhão Atlântico.

<sup>6</sup> Previstas na Lei Complementar nº 062 do Plano Diretor Participativo de 2009, as ZEIS do tipo 1 são compostas por assentamentos com ocupação desordenada, em áreas públicas ou particulares, constituídos por população de baixa renda. Fonte: <[http://legislacao.fortaleza.ce.gov.br/index.php/Plano\\_Diretor](http://legislacao.fortaleza.ce.gov.br/index.php/Plano_Diretor)>. Acesso em: 30 ago 2016

<sup>7</sup> Localizada ao final da Avenida Tamandaré, a Ponte Metálica foi o Porto de Fortaleza até a década de 1950. A edificação também é conhecida como Ponte Velha.

A memória da Favela Poço da Draga está, ainda, no todo da comunidade. Está edificada nas ações simbólicas de inversão, como o trabalho e as aquisições comerciais; nas marcas que modelam o dia-a-dia de dificuldades, nos sonhos por um futuro melhor, nas lutas pela preservação do seu espaço-memória e no próprio espaço da favela, cuja história se confunde com a própria história da Praia de Iracema que, por sua vez, é a própria memória da cidade de Fortaleza (FEITOSA, 1998, p.187)

De um lado, uma comunidade sem saneamento básico, condição mínima para qualidade de vida de qualquer ser humano; do outro, um oceanário com capacidade para 15 milhões de litros d'água e 500 espécies de animais marinhos, entre peixes, arrais, tubarões, algas e até pinguins<sup>8</sup>. O contraste entre Poço da Draga e o futuro Acuario Ceará ilustra bem esse espaço urbano tão desigual resultado de uma lógica de disputa de concepções de cidade. É nesse contexto social contraditório que o coletivo abordado no artigo é criado: o Quem Dera Ser um Peixe.

A fim de compor a presente análise, utilizamos como metodologia de pesquisa a cartografia, compreendendo seu aspecto rizomático citado pelos filósofos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari no conjunto de obras *Mil Platôs* (1980). Em seu aspecto tradicional, a cartografia está relacionada à área de conhecimento geográfico: sua especialidade é traçar mapas, delimitar espaços. Como metodologia no âmbito das ciências humanas, no entanto, a cartografia diz respeito ao campo de forças e relações. Cartografar é observar não apenas os mapas como produtos finais, mas também acompanhar o processo desses traçados.

Relacionamos as funções do cartógrafo e do pesquisador quando ambos não aplicam teorias ou seguem caminhos dados, mas constroem e transformam essas trajetórias. Para tal artigo, adotamos como pistas cartográficas os registros do diário de campo, a coleta de informações por meio de entrevistas e a revisão bibliográfica.

Diferente do método da ciência moderna, a cartografia não visa isolar o objeto de suas articulações históricas nem de suas conexões com o mundo. Ao contrário, o objetivo da cartografia é justamente desenhar a rede de forças à qual o objeto ou fenômeno em questão se encontra conectado, dando conta de suas modulações e de seu movimento permanente. Para isso é preciso, num certo nível, se deixar levar por esse campo coletivo de forças. (...) O desafio é evitar que predomine a busca de informação para que então o cartógrafo possa abrir-se ao encontro. (KASTRUP; POZZANA, 2009, p.57)

---

<sup>8</sup> Informação contida no EIA/RIMA da obra. Disponível em: <<http://www.semace.ce.gov.br/wp-content/uploads/2011/11/FORTALEZA-AQUARIO.pdf>>. Acesso em 07 jul 2016.

## 2. #OcupeAcuario, uma intervenção na esfera pública

Em 2012, o Ceará viveu a pior seca dos últimos 50 anos: 168 dos 184 municípios do estado declararam situação de emergência devido aos severos efeitos da estiagem, como safra perdida e rebanho morto. Ironicamente, no mesmo ano os cearenses acompanharam o início das obras do Acuario Ceará na Praia de Iracema. A distorção das prioridades e a falta de transparência, de fiscalização e de diálogo motivaram a criação do Quem Dera Ser um Peixe, segundo relato de integrantes.

“Movimento cidadão, apartidário e político”. Assim começa a seção “quem somos” do site #AcuarioNao ([acuarionao.wordpress.com](http://acuarionao.wordpress.com)), criado pelos integrantes do Quem Dera Ser um Peixe em março de 2012. Ao longo do texto, construído colaborativamente, o Quem Dera se apresenta como um conjunto de pessoas que acreditam numa ideia de cidade pensada pelos e para os seus habitantes, como destaca o seguinte trecho:

O que nos mobiliza é o desejo por uma nova perspectiva de socialização da cidade; por outra visão da fruição artístico-cultural dos espaços públicos; por um conceito diferente de gestão governamental (com participação efetiva nas /decisões); por uma lógica ambientalmente sustentável para a orla marítima da nossa aldeia urbana, entre outras questões tão ou mais relevantes. (Disponível em: <[acuarionao.wordpress.com](http://acuarionao.wordpress.com)>. Acesso em: 07 jul 2016)

O Quem Dera Ser um Peixe pode ser delimitado em duas linhas centrais de ação: a comunicacional e a jurídica; com atividades simultâneas. Formado por moradores da Praia de Iracema, jornalistas, biólogos, advogados, historiadores, geógrafos e professores, desde a sua criação o coletivo tem apontado as inúmeras irregularidades que marcam a obra da Setur, como fraudes nas licitações e os incompletos estudos de impactos ambientais, buscando debater essas questões no território do Poço da Draga, principal afetado pelo empreendimento.

Para compreender sua atuação, é importante refletir sobre a organização e a dinamicidade do Quem Dera: seria a organização um movimento, um coletivo ou até mesmo os dois? Conversando com os militantes, percebemos que a pauta “o que somos” esteve

presente em algumas reuniões, mas classificar o Quem Dera era, evidentemente, menos urgente do que planejar as ações. Refletimos brevemente sobre tais conceitos.

Em seu artigo *O que é um coletivo?*, o pesquisador e ensaísta Cezar Migliorin pensa coletivo como um “centro de convergência de pessoas e práticas, mas também de trocas e mutações. Ou seja, o coletivo é aberto e seria, assim, poroso em relação a outros coletivos, grupos e blocos de criação – comunidades” (MIGLIORIN, 2012, p.308). Nesse aspecto, um coletivo se difere de um grupo por ser permeável, enquanto o último possui um caráter mais fechado e, por vezes, institucionalizado. Basta lembrar, por exemplo, dos trabalhos em grupo na escola, onde o número dos alunos participantes é determinado e os papéis, bem divididos. Também podemos pensar em grupos como organizações mais imediatas, criadas em contextos específicos, que podem ou não adquirir durabilidade.

As características apontadas por Migliorin, a partir das releituras que faz de Deleuze e Canneti, contemplam o Quem Dera em diversos aspectos. No entanto, encerrá-lo apenas na definição de “coletivo” é instigar o Quem Dera a uma delimitação aquém do que seus integrantes propõem. Seguindo a descrição do próprio site do grupo, abordamos também os movimentos sociais, os quais estão em perene transformação, já que o caráter de tais organizações se modifica de acordo com a época e o local na qual elas são vivenciadas.

Assim como o conceito de “coletivo” e os seus modos de operar foram se alterando, refletir sobre os movimentos de hoje no Brasil é diferente de analisá-los na década de 50 nos Estados Unidos, em outro contexto histórico. Algumas características dos movimentos sociais nos anos 80 podem ser observadas no Quem Dera Ser um Peixe: assim como o coletivo cearense, os movimentos atuantes naquela época não eram espontâneos ou pontuais, mas faziam parte de uma trajetória de lutas e de uma estratégia coletiva de resistência para exigir outro modo de fazer política — como os movimentos pela ampla anistia aos presos políticos do regime ditatorial e pela preservação da memória dos desaparecidos, por exemplo. Outra semelhança é a constante presença da classe média e de intelectuais nessas organizações, por vezes fomentando debates teóricos acerca da ação comum. No entanto, a ampla utilização das ferramentas oferecidas pela Internet é uma forte característica dos movimentos dos anos 2000. Chamados de “novíssimos movimentos sociais” pela pesquisadora Maria Glória Gohn (2013), esses agrupamentos receberam destaque a partir da crise financeira global de 2008 e têm articulado novas formas de ativismo.

É possível afirmar que o Quem Dera Ser um Peixe possui características compatíveis com as duas classificações: coletivo e movimento social. Porém, categorizar essa organização não se mostrou mais importante do que pensar na ação coletiva de seus membros. Em entrevista, um dos mais ativos integrantes do Quem Dera afirmou: “Não sei em que medida interessaria definir o que ele é. Tem que pensar como ação coletiva, isso sim (...). A gente estava experimentando um modo de agir na cidade, que eu acho que foi muito potente”. (Entrevista com E.R. em 06 de novembro de 2014).

Além da coleta de dados através dos portais de transparência e da Lei de Acesso à Informação (LAI), assim como da análise e posterior sistematização de informações, o Quem Dera também realiza uma ampla atividade nas redes sociais e, nos anos de 2012 e 2013, apostou nas intervenções urbanas como instrumento de visibilização da pauta.

Basta abrir um dicionário para descobrir que, por definição, intervir tem relação com presença. O agente interventor é aquele que se faz presente em uma situação, mas não é apenas um observador passivo: ele modifica a configuração daquela situação, ele se torna também um ator social. Intervir é abrir mão da imunidade. Na obra *Pesquisar na diferença: um abecedário*, os pesquisadores Graziela P. Lopes e Rafael Diehl (2012) afirma que,

No entendimento da teoria autopoietica, o intervir aconteceria no fluir de nossas conversações, que são as diferentes redes de coordenações entrelaçadas e consensuais de linguajar e emocionar que geramos ao vivermos juntos, como seres humanos, na dinâmica dos encontros corporais recorrentes. Assim, intervir pode ser pensado como a recursiva ativação de uma rede de conversações, ou de acordo com Lévy (1998), de um coletivo inteligente, que não submete nem limita as inteligências individuais, pelo contrário, abre-lhes novas potências, mobiliza as subjetividades autônomas que o compõe. (P.LOPES; DIEHL. 2012. p.138)

Entre março e junho de 2012, o Quem Dera Ser um Peixe organizou seis intervenções na Praia de Iracema, chamadas de “inundações”. As ações, que aconteciam no calçadão entre a Ponte Metálica e a Ponte dos Ingleses ou nos arredores do Pavilhão Atlântico, eram abertas ao público e tinham como objetivo estreitar as relações com o Poço da Draga, dialogar com outros movimentos, divulgar as ações do Quem Dera e debater sobre a cidade. Geralmente realizados nas tardes de sábado, esses encontros eram publicizados nas redes sociais do coletivo com a *hashtag* #OcupePI (Ocupe Praia de Iracema), uma referência

aos atos de ocupação dos espaços públicos que estavam ocorrendo no mundo inteiro desde 2010.

A programação das inundações era variada: aulas públicas com professores universitários; rodas de conversa sobre histórias do Poço; leituras de poesia; oficinas de grafite, reciclagem e cartazes; estamperia de camisetas, entre outras atividades que modificaram, mesmo que momentaneamente, a paisagem da Praia de Iracema. Essa ruptura do *status quo* tem uma finalidade - a intervenção urbana é repleta de significados, seja da fruição ao protesto por meio de ação direta. Continuam P. Lopes e Diehl:

Podemos conceber o intervir como um movimento cognitivo de *breakdown* (Varela, Thompson e Rusch, 2003), ou seja, uma quebra ou rachadura no fluxo cognitivo, na cadeia de padrões e pensamentos habituais e pré-concepções, de forma a ser uma reflexão aberta a possibilidades diferentes daquelas contidas nas representações comuns que uma pessoa tem. (P.LOPES; DIEHL. 2012. p.138)

Em 2013, quase um ano depois da pausa nas atividades devido ao engajamento de vários de seus articuladores em campanhas eleitorais no ano anterior, o Quem Dera renasceu com a força de uma ressaca do mar. Em julho daquele ano, inúmeros protestos eclodiram em várias capitais brasileiras devido à realização da Copa do Mundo 2014 da FIFA país. Durante a Copa das Confederações, uma “catarse coletiva” levou milhões às ruas em manifestações pelas mais diversas pautas e em Fortaleza, uma das cidades sedes do mundial, a construção do Acquario Ceará foi novamente pautada pelos movimentos sociais. Nesse cenário de indignação, os integrantes do Quem Dera organizaram um ato de resistência na cidade: o #OcupeAcquario.





Figura 1 - #OcupeAcuario em 2013

Fonte: *Fanpage* do Quem Dera Ser um Peixe, 2013

De 12 a 14 de julho de 2013, centenas de pessoas ocuparam o entorno do canteiro de obras do Acuario Ceará, na Praia de Iracema. O #OcupeAcuario foi uma “virada criativa e cultural” organizada pelo Quem Dera com apoio de vários movimentos. O *timing* não poderia ser mais adequado — Fortaleza efervescia. Ao longo dos dois dias de acampamento, uma programação repleta de atividades lúdicas foi realizada: oficina de produção de fanzines sobre poesia e resistência; rodas de capoeira; apresentação do grupo feminino Tambores de Safo; contação de histórias do Poço; intervenção de grupos teatrais, entre outros. A praia foi tomada por barracas de acampamento, fogueiras e corpos em festa. A descrição do evento na rede social Facebook já apontava as novas diretrizes do Quem Dera:

É hora de mobilizar, de ocupar, de pressionar. O #OcupeAcuario é uma virada criativa e cultural que chama a atenção da sociedade para o velho fazer político que não nos representa. #NãoésópeloAcuario, mas sim por tudo que esta megalomaniaca obra simboliza e que repudiamos: a distorção das prioridades, a falta de transparência e de fiscalização, o autoritarismo governamental, o desrespeito às histórias e ao meio ambiente. Vamos nos juntar, acampar e fazer uma bela virada, da noite de sexta até a noite do sábado, com conversas, esportes, música, apresentações artísticas, comidinhas e intervenções urbanas na Praia de Iracema. Traga sua galera, sua barraca, seu instrumento, sua voz, proponha algo. O #OcupeAcuario é o espaço de todas as criatividadeas, de todos os debates, de toda a cidade. Porque rejeitamos, sim, o Acuario, mas a luta #NãoésópeloAcuario.

(Disponível em:  
<[https://www.facebook.com/events/606640102713787/?ref=3&ref\\_newsfeed\\_story\\_type=regular](https://www.facebook.com/events/606640102713787/?ref=3&ref_newsfeed_story_type=regular)>. Acesso em 07 jul 2016)

O #OcupeAcuario era um desejo antigo do Quem Dera Ser um Peixe. Após o longo hiato, o movimento amadureceu tanto ideologias quanto estratégias de luta. Alguns meses após o #OcupeAcuario, outro forte movimento ganhou destaque no estado por seus quatro meses de resistência, o #OcupeCocó<sup>9</sup>.

Passei a noite lá (no #OcupeAcuario) e achei incrível. É engraçado: eu lembro de muita gente na época criticar – e foi uma crítica que voltou nas manifestações de julho – que era muito disperso, que era só festa. Vamos dar sentido à festa! Que ótimo que é festa. De repente você tinha a cavalaria da Polícia Militar e uma galera fumando maconha no mesmo espaço; uma galera bem careta convivendo com a galera das artes pirando. Era uma tentativa de instaurar um espaço comum, com todos os conflitos que há em um espaço comum, mas com desejo de convivência. Se isso não é política, eu não sei o que é política. Ali era o contrário de um corpo pré-concebido. Foi um “vamos tentar instaurar alguma coisa”. E a partir dali a gente vai entendendo o que é viver junto, o que é estar junto nessa cidade. (Entrevista com Enrico Rocha, integrante do Quem Dera Ser um Peixe, em 06 de novembro de 2014)

Nesse ínterim, outra questão nos é pertinente: qual é o lugar de atuação do Quem Dera Ser um Peixe? Onde ele intervém e se constitui legítimo, reconhecido como agente social? Que espaço público é esse? Em sua obra *A Condição Humana* (1958), a filósofa política alemã Hannah Arendt dedica-se a uma análise das esferas pública e privada, afirmando que é somente a presença do outro, o qual vê e ouve o que também vemos e ouvimos, que as realidades de mundo e de nós mesmos nos são garantidas. “Desse modo, todas as atividades humanas são condicionadas pelo fato de que os homens vivem juntos, mas a ação é a única que não pode sequer ser imaginada fora da sociedade dos homens” (ARENDR, 2007, p.31).

É nessa esfera pública dissecada por Arendt que se dá a atuação do ser coletivo: nesse espaço onde só é “tolerado” aquilo tido como relevante e digno de atenção a ponto de imergir da vida íntima. No caso da reivindicação do QSPD, a questão política — ou seja, a

---

<sup>9</sup> Entre os meses de julho e outubro de 2013, dezenas de manifestante acamparam no Parque Ecológico do Rio Cocó, na capital cearense, para impedir a construção de dois viadutos no local e a consequente derrubada de cerca de 90 árvores, obras anunciadas pela Prefeitura de Fortaleza. A ocupação também tinha como pautas a regulamentação do bioma e reivindicação de uma nova forma de fazer política, exigindo participação popular. Após quatro meses de resistência, o acampamento foi violentamente desocupado pelo Grupo de Operações Especiais (GOE) da Guarda Municipal.

construção do oceanário — ultrapassa o rol das decisões cabíveis tão somente aos governantes eleitos e atravessa a dinâmica de uma cidade.

A realidade da esfera pública conta com a presença simultânea de inúmeros aspectos e perspectivas nos quais o mundo comum se apresenta e para os quais nenhuma medida ou denominador comum pode jamais ser inventado. [...] Ser visto e ouvido por outros é importante pelo fato de que todos veem e ouvem de ângulos diferentes. É este o significado da vida pública [...] (ARENDR, 2007, p. 67)

A esfera pública é o espaço do comum, com todas as suas subjetividades e particularidades. Arendt acredita que é essa esfera que reúne os homens na companhia uns dos outros, mas que também evita a colisão entre eles. Pensar a arte como resistência é pensar nessa cidade que cabe dentro de nós; nessa cidade que extrapola as fronteiras e que os mapas geográficos já não dão conta. É necessário refletir sobre o “espaço humanizado”: ver o local de moradia como um lugar com identidade e sensação de pertencimento, como espaço o qual conforma e do qual sou conformado; não apenas como território, onde o Estado, por exemplo, age controlando socialmente, impondo regras que impedem ou implicam determinadas ações humanas. É preciso pensar a rua, essa ruga na paisagem urbana que é por excelência o lugar do múltiplo.

### **3. Quando a estética toca a política**

Quando a experiência estética toca a política, o desejo de “repolitizar a arte”, como bem coloca o filósofo francês Jacques Rancière em sua obra *O Espectador Emancipado* (2012), manifesta-se em toda sua extensão. Ao protestar de forma artística, o coletivo Quem Dera Ser um Peixe gerou um contexto de produção de sentido e subjetivação política, utilizando a intervenção como ferramenta para (re)apresentar ao indivíduo a possibilidade de construir uma comunidade política em ações cotidianas.

A vontade de repolitizar a arte manifesta-se assim em estratégias e práticas muito diversas. Essa diversidade não traduz apenas a variedade dos meios escolhidos para atingir o mesmo fim. Reflete uma incerteza mais fundamental sobre o fim em vista e sobre a própria configuração do terreno, sobre o que é a política e sobre o que a arte faz. [...] A arte é considerada política porque mostra os estigmas da dominação, porque ridiculariza os ícones reinantes ou porque sai de seus lugares próprios para transforma-se em prática social.” (RANCIÈRE. 2012, p.53)

Com contribuições de pensamentos como os de Rancière — o qual traz diversas pontuações de Deleuze e Guatarri — e Suely Rolnik — que, por sua vez, aspirou muito do que apresenta a artista plástica Lygia Clark —, enxergamos as intervenções do Quem Dera como manifestações artísticas. Ora, se a política não está contida nos poderes Legislativo, Executivo e Judiciário e seus respectivos órgãos competentes, a arte também não está restrita aos domínios dos museus e das galerias. A arte não precisa “ser” política, pois ela já o é em sua essência: ela faz rir, faz chorar, faz pensar; ela ridiculariza, ela enaltece, ela banaliza. Até a “arte pela arte” é um ato político — em tempos de tanta desesperança, a fruição é refúgio.

Para Rancière (2009), a política é essencialmente estética, pois ambas têm origem comum. Assim sendo, a efetivação democrática só se completa com encorajamento das manifestações múltiplas na comunidade. Em sua obra *A partilha do sensível*, o filósofo afirma que:

As artes nunca emprestam às manobras de dominação ou de emancipação mais do que lhes podem emprestar, ou seja, muito simplesmente, o que têm em comum com elas: posições e movimentos dos corpos, funções da palavra, repartições do visível e do invisível. E a autonomia de que podem gozar ou a subversão que podem se atribuir repousam sobre a mesma base. (RANCIÈRE, 2009. p. 26)

No #OcupeAcquario, a companhia de teatro cearense La Calle apresentou uma performance chamada “Batalhão de Nhoque da PM - Palhaços Manifestantes” na noite do dia 13 de julho. A intervenção consistiu na chegada do Exército do Nariz Vermelho, que atirou flores, balas de morango e balões d’água “de efeito moral”; em uma metáfora com o Batalhão de Choque da Polícia Militar, corporação que protagonizou cenas de violação aos direitos civis nas manifestações de 2013 e 2014. Na ocupação, os atores foram recebidos com risadas e descontração. Os artistas contaram, no entanto, que a mesma performance foi realizada em uma comunidade na Serrinha<sup>10</sup> e as crianças do local se assustaram e rejeitaram a presença do grupo, pois os associaram com policiais. Na periferia da cidade, polícia é sinônimo de violência e desrespeito — a reação dos moradores não é por acaso. E arte coloca o dedo na ferida: isso também é política.

Desde sua criação, o coletivo Quem Dera Ser um Peixe vem se construindo como uma onda: intensa e momentaneamente. Em ações pontuais, o movimento questionou o equipamento perante o Governo Estadual e, através de representações no Ministério Público

---

<sup>10</sup> Bairro periférico localizado na Regional IV de Fortaleza.

Estadual, conseguiu embargar as obras duas vezes apontando suas irregularidades. Atualmente, a edificação do empreendimento está parada em decorrência de uma investigação no Ministério Público Federal acerca da denúncia, também protagonizada pelo coletivo e demais atores sociais, de fraude no processo licitatório do Acquario Ceará.

O Quem Dera Ser um Peixe ganhou um corpo imagético que, durante meses, incomodou o poder estatal como um intenso zumbido no ouvido que não se pode ignorar. Seus integrantes participam também de outros coletivos e, atualmente, o Quem Dera está diluído em demais movimentos sociais, mas ainda latente, constituindo-se com a dinamicidade que a vida pede.

## Referências

Quem Dera Ser um Peixe - #AcquarioNão (<https://acquarionao.wordpress.com/>)

Poço da Draga ([www.pocodadraga.org](http://www.pocodadraga.org))

ARENDDT, Hanna. *A Condição Humana*. 8ª edição revista. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009. p.52-75.

CEARÁ. Superintendência Estadual do Meio Ambiente. *Estudo e Relatório de Impacto Ambiental e Relatório de Impacto Ambiental*. Termo de Referência nº 3120/2011. [EIA/RIMA do Acquário Ceará]. 2011. Disponível em:  
< <http://www.semace.ce.gov.br/wp-content/uploads/2011/11/FORTALEZA-AQUARIO.pdf>>

CEARÁ. Tribunal de Contas do Estado do Ceará. Portal da transparência. Fiscalização e controle – Grandes obras. 2012. Disponível em:  
< <http://www.tce.ce.gov.br/jurisdicionado/fiscalizacao-e-controle/grandes-obras>>

FACEBOOK. #OcupeAcuario| *Virada-acampamento-criativo-cultural*. Disponível em: <[https://www.facebook.com/events/606640102713787/?ref=3&ref\\_newsfeed\\_story\\_type=regular](https://www.facebook.com/events/606640102713787/?ref=3&ref_newsfeed_story_type=regular)>. Acesso em 07 jul 2016.

FEITOSA, Luiz Tadeu. *O Poço da Draga: a favela e a biblioteca*. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desportos. 1998.

MIGLIORIN, Cezar. *O Que é um Coletivo*. In: BRASIL, André (org.). Texto originalmente publicado no livro TEIA: 2002 – 2012. São Paulo: IMS, 2012. Disponível em: <[http://www.teia.art.br/a/up/files/IMS\\_12\\_2012.pdf](http://www.teia.art.br/a/up/files/IMS_12_2012.pdf)>. Acesso: 22/03/14.

P.LOPES, Graziela; DIEHL, Rafael. Intervir. In: FONSECA, Tania Maria Galli; NASCIMENTO, Maria Livia do; MARASCHIN, Cleci (org). *Pesquisar na diferença: um abecedário*. Porto Alegre: Sulina, 2012. p.137-139.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. 2ª edição. São Paulo: EXO experimental org; Editora 34, 2009.

RANCIÈRE, Jacques. *O espectador emancipado*. 1ª edição. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

RODRIGUES, Neivania Silva. *O Movimento dos Peixes: do Acquário às Ruas*. 2013. 111f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.